

O Acesso e a Permanência no Ensino Superior: A visão dos alunos bolsistas do ProUni do Curso de Pedagogia

Neste capítulo, apresentar-se-á o ProUni a partir da visão dos estudantes do Curso de Pedagogia, curso de licenciatura com maior número de alunos bolsistas do Programa⁶⁴ no UNINORTE.

A construção desse olhar foi embasada nas entrevistas semiestruturadas, feitas com alunos voluntários do supracitado curso, que correspondem aos critérios definidos para a pesquisa: a) alunos (as) do Curso de Pedagogia do turno noturno que já cursaram mais de 50% do curso; b) ser trabalhador (a); c) estar na faixa etária entre 20 a 30 anos e; d) ser primeiro membro familiar a ingressar no ensino superior.

As informações obtidas junto ao Departamento de Registro Acadêmico (DRA)⁶⁵, via setor responsável pelos convênios e bolsas, agregadas as informações preliminares do Setor Responsável pela Computação e Processamentos de Dados (CPD), foram fundamentais para o levantamento das informações.

Segundo tais informações, o Curso e Pedagogia possui 104 bolsistas ProUni, no turno noturno. Para contato inicial com esses alunos, enviou-se via e-mail convite para que estes participassem dessa pesquisa, no e-mail foi esclarecido: o objetivo da pesquisa; seu caráter voluntário; a liberdade para desistir da entrevista em qualquer uma de suas etapas. Foram indicados inicialmente apenas três dos critérios estabelecidos: ser trabalhador, ter idade na faixa de 20 a 30 anos, e ser aluno regular do turno noturno⁶⁶ (teor do e-mail em apêndice).

⁶⁴ O Curso de Pedagogia é um dos cursos da Instituição com maior número de alunos (estão a sua frente os cursos de Administração, Seviço Socila, Psicologia e Contabilidade).

⁶⁵ O DRA é o órgão responsável pelos processos individuais dos estudantes, registros acadêmicos, guarda e expedição dos documentos escolares e todos os procedimentos pertinentes a secretaria geral do UNINORTE. Pela reorganização do UNINORTE/Laureate, no início de 2011, o DRA passa a condição de Secretaria de Registro Acadêmico (SRA).

⁶⁶ Quando falamos em “aluno regular do turno noturno” queremos afastar a possibilidade de incluir alunos que cursam disciplinas isoladas (cursam disciplinas para fins de adaptação curricular) naquele turno.

Sendo a participação dos estudantes uma ação voluntária e também em função dos critérios estabelecidos para seleção dos entrevistados, respondeu ao convite, feito via e-mail, reforçado pela Professora Responsável pelo Núcleo de Atendimento Psicopedagógico aos Estudantes (NAPE) do Curso de Pedagogia, um grupo de 34 (trinta e quatro) alunos. Sendo esse um número estava acima da possibilidade de execução do estudo, sendo assim, aplicou-se o último critério estabelecido, “primeiro membro da família a cursar a educação superior”. Com a utilização deste último critério diminuiu-se o universo a ser pesquisado para 10 (dez) estudantes.

Dada a limitação de tempo dos estudantes, 8 das entrevistas foram realizadas na sala de Atendimento aos Estagiários (as), situada no prédio em frente ao Campus, na qual funciona o Curso de Pedagogia. As duas restantes foram realizadas, uma (1) na residência do estudante e a outra, no local de trabalho, no intervalo entre os turnos, na sala de atendimento do RH (setor onde a aluna faz estágio não obrigatório).

Considerando que essa pesquisa foi realizada a partir das muitas inquietações motivadas pelos atendimentos aos alunos do Curso de Pedagogia do UNINORTE⁶⁷, entende-se ser importante contextualizar a região e Instituição lócus dos dados levantados.

4.1

O UNINORTE no contexto do ensino superior no Amazonas

O Estado do Amazonas possui uma área territorial de 1.564.455 Km², sendo considerado o Estado com maior área territorial na federação brasileira. A concentração populacional do Estado, em maior número de habitantes, está localizada na capital, Manaus⁶⁸. A cidade conta com uma população de 1.738.641

⁶⁷Instituição na qual trabalhamos no período de 1982 a 2010, que cresceu significativamente nos dez últimos anos, conforme pode ser constatado nos gráfico institucional disponível em www.uninorte.com.br.

⁶⁸Apenas seis municípios contam com mais de 50.000 habitantes. Parintins – 107.250, Coari – 66.991, Manacapuru – 86.472, Itacoatiara – 89.440, Tefé – 64.671, segundo dados do IBGE divulgados em 2009.

habitantes⁶⁹ (IBGE, 2011), segundo o Censo da Educação Superior de 2007, é sede de 3 instituições públicas de Ensino Superior (Universidade Federal do Amazonas, Universidade Estadual do Amazonas e o Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas) e 16 privadas⁷⁰. E de acordo com o Sistema de Cadastro da Educação Superior – Sistema e-MEC, existem 35 Instituições de ensino superior cadastradas para atuarem em Manaus em cursos presenciais (21) e a distância (15)⁷¹.

O grande número de instituições particulares na capital do Estado reflete a tendência do restante do país, o predomínio das IES privadas. Esse crescimento pode ser atribuído à falta de políticas públicas para a ampliação de vagas no sistema público de ensino e ao panorama econômico e político, fortemente influenciado pelo projeto neoliberal que caracterizou os anos de 1990, quando o ensino superior se expande com forte predomínio da iniciativa privada. Segundo Ney, (2008) o ideário ideológico neoliberal é a disseminada adequação dos Estados a serem Estados Mínimos e, com isso aparecem três expressões que caracterizam bem essa formação: desregulamentação, descentralização/autonomia e privatização.

[...] desregulamentação destaca-se a necessidade do Estado diminuir a normalização, a regulamentação e as interferências sobre as diversas atividades, deixando o mercado livre para agir. A justificativa apresentada para gerar mais emprego e tornar competitivas as empresas brasileiras [...]. A descentralização/autonomia é decorrente em parte do primeiro termo. Quando os países entram no processo de se tornarem Estados Mínimos, realizando as devidas desregulamentações. A desregulamentação é voltada para tirar os encargos financeiros dos Estados em virtude dos credores internacionais e da utilização dos fundos públicos pelo setor privado. A privatização é caracterizada pela transferência de empresas e serviços públicos para a iniciativa privada. (Ney, 2008, p. 54-55)

Nesta linha de raciocínio do neoliberalismo, pode-se afirmar que a educação se tornou um nicho mercadológico, disputado e lucrativo para as empresas privadas. A questão que se põe em pauta, no que diz respeito ao ProUni, é que o governo paga as instituições privadas com recursos públicos. A educação torna-se

⁶⁹ Segundo o Censo do IBGE 2010, a população do Amazonas é de 3.350.773 e a população de Manaus 1.802.525 habitantes, disponível em <http://www.censo2010.ibge.gov.br>, acesso em 09.04.2011, as 14h44.

⁷⁰ Dados extraídos do Censo 2007, no seguinte endereço eletrônico: http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2007/Resumo_tecnico_2007.pdf via site www.mec.gov.br (Acesso em 20/04/2010). Observa-se que o próximo Censo será em 2011.

⁷¹ Informações obtidas na busca interativa, no seguinte endereço: <http://emece.mec.gov.br/>

um serviço à venda, um serviço comercial não implicando barreiras para o seu livre comércio. Para Sguissardi (2006, p. 365):

Serão os ventos e a avalanche neoliberais na economia, na reforma do Estado e na concepção do conhecimento e do ensino superior como bem privado, quase-mercadoria, serviço educacional regulamentável no âmbito da organização Mundial do Comércio, que irão condicionar nos últimos anos a nova configuração da universidade em nosso país e no exterior, também sob o ponto de vista dos modelos universitários.

Certamente os programas de bolsas é um investimento no setor privado, por outro lado observa-se o sucateamento pelos governos das Universidades Públicas, que, por causa disso, não conseguem ampliar suas vagas, não conseguem estruturar seus espaços, aumentar seu quadro profissional, nem reclamar para si os investimentos destinados à educação pública.

Novamente, há uma questão política que se coloca como determinante dessa questão. Para as políticas públicas educacionais, investir no setor privado significa apenas fazer um investimento que equivale a uma mensalidade do aluno. Não há responsabilidade com a estrutura física da Universidade pública, com o corpo docente, com investimentos em programas de extensão e pesquisa. Se essa demanda fosse destinada à Universidade pública, o governo arcaria com custos bem maiores como: contratar profissionais, investir no espaço físico, possibilitar programas de ensino, pesquisa e extensão, o que aumentaria sua responsabilidade.

O estado do Amazonas não fugiu desse processo de privatização, principalmente com o desenvolvimento econômico da região e a criação do Distrito Industrial desde 1968, que ampliou a necessidade de mão de obra especializada. Manaus, a capital do Amazonas, concentra 55% da população e é responsável por 96% dos tributos do Estado. É facilmente perceptível a influência econômica do modelo Zona Franca de Manaus, em especial na formação da sua renda *per capita*, que se equipara hoje às mais altas entre as capitais brasileiras (IBGE, 2010). Estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostraram que Manaus, em 2010, tinha o sexto maior PIB do país - R\$ 34.403.671.

A Zona Franca de Manaus contribuiu para este PIB com a industrialização desejada pela elite local e nacional, com finalidades totalmente econômicas, que, no entanto, trouxeram fortes consequências de impacto para educação do Estado. Segundo Ribeiro (1987), a Zona Franca de Manaus obteve a mão de obra

necessária à produção e foi tão eficiente a formação ofertada pelo Estado que, em pouco tempo, pôde aumentar o exército de reserva, impondo critérios de seletividade desnecessários à produção do chão de fábrica. Nesse sentido, Silva (2009)⁷² percebe como significativas as mudanças advindas da implementação do “livre mercado em Manaus”, visto que:

O vigoroso crescimento econômico chamou a atenção de migrantes, principalmente, dos estados do Ceará, Maranhão e Pará, além dos ribeirinhos do próprio Amazonas. Este movimento populacional tem pressionado as ofertas de serviços de saúde, educação, saneamento básico, transporte etc. E assim, acumulou-se um passivo social enorme que resultou na criação de uma sociedade dualista em que exclusão e riqueza convivem lado a lado. A dicotomia econômico-social é péssima para a cidade. Mesmo com o Pólo Industrial de Manaus (PIM) proporcionando bilhões de reais aos cofres públicos, essa situação social é calamitosa, exigindo imediata definição de políticas públicas que melhorem a qualidade de vida da população e elevem a competitividade da economia.

Nesse cenário, há necessidades de ampliação de mão de obra especializada, antes vinda de outros estados, adicionada à forte demanda reprimida da população com ensino médio concluído e enorme concorrência para o ensino público versus reduzido número de vagas nas IES públicas, influenciou os empresários educacionais para que investissem na criação de instituições de Ensino Superior na cidade de Manaus, ocasionando grande expansão nesse segmento de ensino (Souza, 2009), conforme se pode observar na Tabela abaixo:

Tabela 5- Expansão de IES por setor público e privado, no Brasil e no estado do Amazonas, no período 1991-2007

Ano	Brasil		Amazonas	
	Público	Privado	Público	Privado
1991	222	671	2	3
1996	211	711	2	8
2004	224	1.789	3	14
2005	231	1.934	3	16
2006	248	2.022	3	16
2007	249	2.032	3	17

Fonte: Censo da Educação Superior 2008, MEC/Inep/Deaes.

Com base na tabela, verifica-se que no período entre 1991 a 2007, no Amazonas, o crescimento das Instituições públicas foi insignificante. Apenas uma

⁷² SILVA, Juçara Lobato da, *História da Educação no Amazonas: Intelectuais, Educação e Desenvolvimento no do Governo Artur Reis – 1964 A 1967*. Unicamp/HISTEDBR. disponível em: www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr, acesso em 19.04.2010

instituição, a Universidade Estadual do Amazonas que foi fundada em 2001 aumenta para três as IES públicas no estado. Por outro lado, o setor privado expandiu significativamente, passando de 8 IES (1996) para 17 (2007). Com base nos dados do INEP e conforme o histórico do ensino superior no Brasil e no Amazonas nos é permitido inferir três aspectos desta questão que relacionaremos a seguir:

Primeiro, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9.394/96), instrumento legal, importante pelas significativas modificações que introduziu na política educacional do País, reuniu as condições favoráveis para o crescimento do setor privado, quando no artigo 45 afirma que: “A educação superior será ministrada em instituições de ensino superior: públicas ou privadas, com variados graus de abrangência ou especialização”. Ao mesmo tempo, possibilitou às IES privadas a legitimidade para desenvolver ações de expansão, seja concentrando sua oferta de vagas nos cursos noturnos, notadamente horário em que se concentrava maior demanda reprimida, seja oferecendo possibilidade de bolsas de estudos;

Segundo, as IES privadas criadas no Estado se organizaram seguindo o mesmo caminho, de certa forma, todas procuraram oferecer o maior número de vagas no turno noturno, por ser o horário mais procurado pela classe trabalhadora e os cursos oferecidos foram aqueles com maior demanda local, como Administração, Direito, Psicologia, Pedagogia, Letras, Processamento de Dados.

Por último, as instituições de ensino, na área metropolitana de Manaus, organizaram suas estruturas e ações numa tentativa de aumentar as chances de sobrevivência e ganhar mercado. As IES privadas viram no ensino superior uma oportunidade para ampliar e garantir resultados financeiros positivos. Havia uma demanda muito grande de pessoas com o ensino médio concluído sem conseguir ter acesso ao ensino superior, criando um nicho mercadológico que estava a espera de oportunidades. As IES privadas, incentivadas pelas políticas educacionais, se integraram neste campo da educação e também do comércio.

Este é o cenário da educação superior no Estado do Amazonas, onde está inserido o UNINORTE, espaço empírico da nossa investigação e que continuaremos a abordar na seqüência.

O UNINORTE é um Centro Universitário, mantido pelo setor de ensino privado. É oriundo do Instituto Cultural de Ensino do Amazonas – ICESAM, cujas atividades iniciaram em 1998 com a implantação dos cursos de Serviço

Social e Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. O UNINORTE recebeu, ainda, por absorção, os cursos de Tecnologia em Processamento de Dados e Turismo ministrados pelo Instituto Manauara de Ensino Superior e o curso de Administração com ênfase em Análise de Sistemas, ministrado pelo Instituto Amazonense de Ensino Superior, que tiveram início em 1994.

O Centro Universitário, UNINORTE, tem uma estrutura administrativa composta pelos mantenedores (SODECAM/Laureate) e uma estrutura acadêmica composta por: Diretor Executivo; Reitora; Pro – Reitor Acadêmico; Pro – Reitor Administrativo; Diretor Financeiro; Diretor de Marketing e Relacionamento; Diretora de Ensino de Graduação; Diretor de Pós – Graduação e Diretora de Extensão.

Conforme sua política institucional vem implantando seus cursos de forma gradativa, desenvolvendo atividades de pesquisa e de iniciação científica, assim como cursos de Pós – Graduação Lato Sensu em todas as suas áreas de formação e Stricto Sensu com os seguintes Mestrados Interinstitucionais: Administração em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco (curso concluído); Serviço Social em parceria com a PUC Rio de Janeiro (curso em fase de conclusão); Contabilidade e Controladoria em parceria com a Universidade Federal do Amazonas – UFAM; Ciências Jurídicas em parceria com a Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI – SC; Administração e Turismo em parceria com a Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI - SC (em andamento), conforme sua política institucional.

Segundo o Relatório Geral da Presidência, apresentado ao corpo docente em 2010, as atividades de extensão têm priorizado como população alvo, segmentos excluídos que não têm acesso aos conhecimentos científicos e técnicos necessários para equacionar problemas que dizem respeito às necessidades básicas para a sobrevivência humana, assim como as necessidades na esfera da cultura que se mostrem relevantes para a autonomia e organização desses segmentos. Desenvolve essas atividades por intermédio de:

a) Núcleos Permanentes de Extensão, que são atividades exercidas pela comunidade acadêmica de forma localizada e contínua, junto a diversos segmentos da sociedade, com o objetivo de refletir e construir, conjuntamente, propostas de solução para as questões advindas da realidade social, priorizando os

segmentos mais carentes da sociedade; estão ligados aos cursos de graduação e são realizados em forma de projetos que atendam à comunidade própria de cada curso. No caso do Curso de Pedagogia, as atividades de extensão priorizam o atendimento às escolas, à comunidade próxima ao UNINORTE, à comunidade acadêmica auxiliando-a na sua formação através de cursos, oficinas, palestras.

b) Alfabetização Solidária, programa criado em 1997 pelo Conselho da Comunidade Solidária sendo gerenciado por uma organização não governamental – AAPAS (Associação de Apoio ao Programa de Alfabetização Solidária), entidade privada sem fins lucrativos. No 2º semestre de 1999 foi firmado convênio com municípios parceiros do UNINORTE (Santo Antônio do Içá e Amaturá). Posteriormente, foram capacitados os alfabetizadores dos municípios de Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença e Anorí.

c) Projeto de Educação Ambiental, em parceria com o curso de Serviço Social atuando na comunidade do Igarapé de Manaus, realiza palestras, mini-cursos, oficinas com a comunidade do entorno do igarapé. Faz um trabalho de sensibilização e educação ambiental, proporcionando aos alunos do curso de Serviço social oportunidade de atuar junto à comunidade.

d) Projeto Inglês para Todos, em parceria com o curso de Letras atendendo tanto a comunidade interna quanto externa, através de aulas semanais de inglês para iniciantes, tendo como monitores alunos do curso de Letras com habilitação em Língua Inglesa;

e) Eventos de Extensão, atividades realizadas no cumprimento de programas específicos, oferecidos com o objetivo de produzir, sistematizar e divulgar conhecimentos, tecnologias e bens culturais podendo desenvolver-se em nível universitário ou não. Os eventos de extensão compreendem: Ciclos de Conferência; Seminários; Fóruns, Ciclo de Palestras; Reuniões Técnicas; Concertos; Festivais; Manifestações artísticas e culturais; Espetáculos; Oficinas; e outros de natureza semelhante. O critério de frequência mínima para cursos e eventos de extensão está estabelecido em seus respectivos projetos, não podendo ser inferior a 75%;

f) Cursos de Extensão, atividades programadas pelos departamentos e colegiados de cursos, visando socializar os conhecimentos produzidos na Instituição, através da execução de calendário próprio. Os cursos de extensão

articulam a comunidade acadêmica com as necessidades concretas da sociedade, num confronto permanente entre a teoria e a prática, como pré-requisito e consequência dos diversos programas de extensão.

g) Projeto UNINORTE Orienta: trabalho desenvolvido junto às escolas públicas com o objetivo de orientar os alunos finalistas do Ensino Médio quanto à escolha profissional. Atualmente, a Instituição oferece 68 (sessenta e oito) cursos/habilidades/modalidades em nível de graduação e atua nas seguintes áreas: Ciências Exatas e da Terra e Engenharia – Ciências Biológicas e da Saúde – e - Ciências Sociais e Humanas. É prevista ainda, a atuação, também, na área de Ciências Agrárias.

4.2

O Centro Universitário do Norte e seu sistema de bolsas

No que diz respeito ao sistema de bolsas o UNINORTE, aderiu as seguinte modalidades: Bolsa Social, Bolsa Universitária, FIES⁷³, ProUni.

A Bolsa Social foi instituída pelo UNINORTE para os alunos de baixa renda que não foram selecionados pelas demais bolsas e que fazem opção por estudar no turno matutino ou vespertino, é uma bolsa parcial de 50% do valor das parcelas semestrais para a maioria dos cursos e de 70% para os cursos de Direito, Odontologia e Fisioterapia.

A Bolsa Universitária foi criada em 2009 pelo governo municipal local através de convênio com o UNINORTE que realizou processo seletivo específico para tal, e que se volta para população de baixa renda e professores do Sistema Público de Ensino.

Em 2010 o Programa Bolsa Universitária⁷⁴, integrou-se ao Programa de Gestão da Prefeitura de Manaus. Segundo o edital⁷⁵ as bolsas de estudos são concedidas aos estudantes interessados em cursar o ensino superior e que não têm

⁷³ FIES – Fundo de Financiamento ao Estudante de Ensino Superior, é um Programa de Financiamento Estudantil.

⁷⁴ Mais informações pelo endereço eletrônico: <http://bolsasuniversidade.manaus.am.gov.br>

⁷⁵ Disponível no portal da Prefeitura de Manaus: www.manaus.am.gov.br

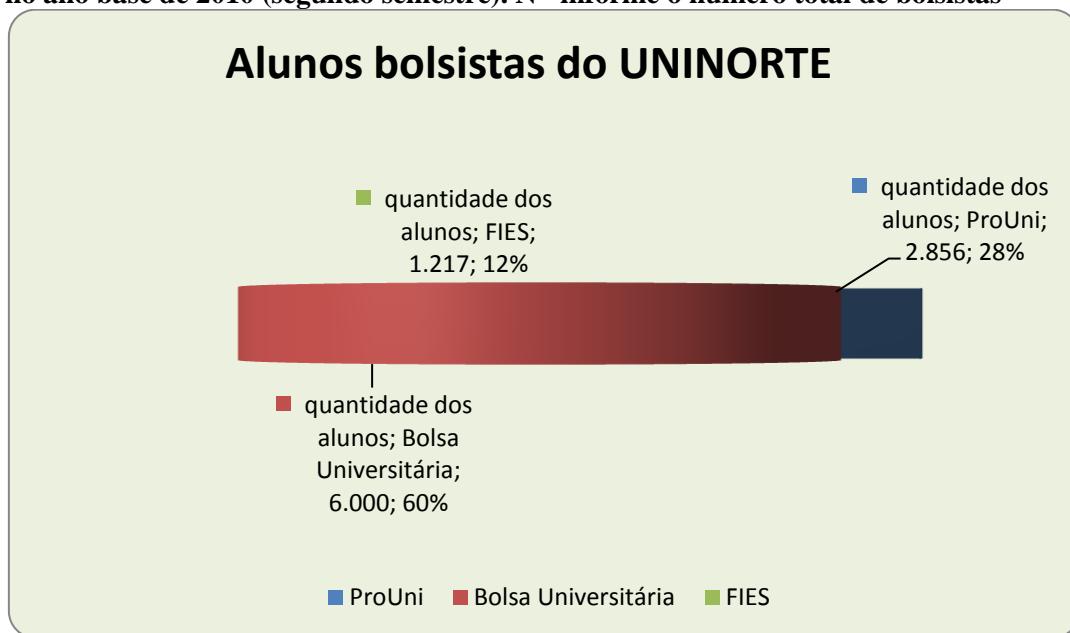
“condições” de custear seus estudos. Em contrapartida serão concedida compensações fiscais pactuada com as IES credenciadas, que aderem ao Programa voluntariamente “sem ônus para Prefeitura” (item 1.1 do Edital –Processo Seletivo para o Programa Bolsa Universitária.

O Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) é destinado à concessão de financiamento a estudantes regularmente matriculados em cursos superiores não gratuitos e com avaliação positiva nos processos conduzidos pelo Ministério da Educação. Depois de formado, há um período de carência de dezoito meses antes do início do pagamento das prestações. A carência permite que o aluno possa recompor seu orçamento após a graduação. Durante esses dezoito meses, o aluno continua pagando trimestralmente, os juros do financiamento, limitados a uma parcela máxima de R\$50,00. Após o período de carência, o financiamento começa a ser amortizado. Nos doze primeiros meses (Fase I) a prestação será igual a parte da mensalidade que era paga pelo estudante à instituição, com base no último semestre financiado. Terminado esse período, o saldo devedor é dividido em prestações iguais, pelo prazo de três vezes o período de utilização do financiamento (Fase II). (<http://www.mec.gov.br>, 2010).

Considerando o período de absorção, a Instituição oferece, há 16 (dezesseis) anos, o ensino superior na cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas. Atendeu em 2010 mais de 24.000 estudantes distribuídos nos turnos matutino, vespertino e noturno⁷⁶. Sendo que destes 24 mil, 42% de alunos são bolsistas, distribuídos de acordo com o gráfico abaixo:

⁷⁶ Dados referentes ao ano letivo de 2010 (semestre 2) fornecidos pelo CPD/UNINORTE em 23.09.2010

Gráfico 3- Distribuição dos alunos bolsistas do UNINORTE, segundo o tipo de bolsa, no ano base de 2010 (segundo semestre). N= informe o número total de bolsistas



Fonte: Dados obtidos junto ao Centro de Processamento de Dados do Centro Universitário do Norte.

Conforme o gráfico, o Bolsa universitária apresentava o maior número de bolsistas, seguido pelo ProUni e depois pelo Fies.

Apesar de não ter dados quantitativos da Bolsa Social e do crédito universitário, o UniNorte oferece, ainda, bolsas parciais ou integrais para os dependentes do seu Corpo Docente. Embora com critérios de seleção diferenciados, essas bolsas assumem finalidades sociais e abrem a possibilidade de acesso ao Ensino Superior aos funcionários e seus dependentes.

O UNINORTE foi aderindo ao sistema de bolsas gradativamente. Os alunos que não tinham condições de arcar com os custos de sua formação podiam solicitar ajuda financeira através do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – FIES, programa do Governo Federal que se apresenta como uma possibilidade de democratizar o acesso à educação de qualidade a fim de propiciar ao maior número possível de estudantes a permanência e a conclusão do ensino superior. Em 2010, esses alunos totalizavam 5,1% dos acadêmicos matriculados. Alunos bolsistas do ProUni totalizavam 12% dos alunos matriculados e do Bolsa Universitária representam 25% dos alunos matriculados.

Desde a implementação do ProUni no UNINORTE, em 2005, somando-se o primeiro e o segundo semestre de cada ano, a referida instituição já recebeu

cerca de 11.642 alunos bolsistas. Segundo informações disponibilizadas pelo Centro de Processamento de Dados do Centro Universitário do Norte, o número de estudante que entra na Instituição pelo ProUni vem crescendo consideravelmente. O quadro 1 apresenta este crescimento ao longo dos anos, dando um salto de 364 do ano de 2005 para 1.074 no ano de 2010. Importante ressaltar que o número de alunos pré-selecionados, ou seja, aquele que a instituição se propõe a receber é maior que o número daqueles que efetivamente fazem a matrícula e iniciam o curso de graduação.

Quadro 1- total de alunos pré-selecionados e aprovados no ProUni, no UNINORTE, no período de 2005 a 2010

<i>Ano</i>	<i>Total de Candidatos Pré-selecionados</i>	<i>Total de Candidatos Aprovados (matrícula inicial)</i>
2005	Primeiro ano de ProUni no UNINORTE	364
2006	698	483
2007	1.303	977
2008	1.606	950
2009	1.245	696
2010	1.782	1.074

Fonte: Dados coletados junto ao Centro de Processamento de Dados do UNINORTE, em novembro de 2010.

Este quadro apresenta um crescimento de bolsas no decorrer dos anos. Da sua implementação até o ano de 2010, houve um significativo aumento, com queda no ano de 2009, mas retomando a linha crescente em 2010. Utilizando os dados dos diversos cursos, nos diferentes turnos, podemos visualizar no quadro 2 como estes alunos estão distribuídos por graduação:

Quadro 2- Distribuição dos alunos bolsistas ProUni, por curso de graduação com três turnos do UNINORTE, no ano de 2010

CURSO	TURNO	TOTAL BOLSISTAS	TURN O	TOTAL BOLSISTA S	TURNO	TOTAL BOLSISTAS
ADMINISTRAÇÃO	M	43	T	39	N	651
BIOLOGIA (LIC)	M	8	T	3	N	44
EDUCAÇÃO FÍSICA	M	4	T	1	N	50
ENFERMAGEM	M	52	T	25	N	94
FISIOTERAPIA	M	57	T	2	N	56
FONOAUDIOLOGIA	M	4	T	3	N	34
LL - L.INGLES	M	8	T	3	N	26
NUTRIÇÃO	M	22	T	1	N	33
PEDAGOGIA LIC.	M	23	T	13	N	104
PSICOLOGIA	M	5	T	15	N	77
SERVIÇO SOCIAL	M	21	T	36	N	139

Fonte: Dados coletados junto ao Centro de Processamento de Dados do UNINORTE, em novembro de 2010.

No UNINORTE, alguns cursos são oferecidos nos três turnos, isso faz com que o número de alunos bolsistas do ProUni seja dividido de acordo com essa organização. 11 cursos são oferecidos nos três turnos, como observado no quadro 2. Desses, os que mais recebem alunos bolsistas são: administração, com 733 bolsas; serviço social, com 196 bolsas e pedagogia, com 140 bolsas. Os cursos com menos bolsistas são os de fonoaudiologia, letras – língua inglesa e nutrição.

Já os alunos bolsistas que fazem o curso à tarde e à noite, apresentados no quadro 3, estão em maior número nos cursos de direito e petróleo e gás. Importante ressaltar que o curso de petróleo e gás foi criado a partir de uma demanda que surge com a criação do gasoduto de Coari e, como demonstrado, tem uma procura elevada por bolsas do ProUni.

Quadro 3- Distribuição dos alunos bolsistas ProUni, por curso de graduação com dois turnos do UNINORTE, no ano de 2010

CURSO	TURNO	TOTAL BOLSISTAS	TURNO	TOTAL BOLSISTAS
ARQUITETURA	T	7	N	73
C. COMPUTAÇÃO	T	8	N	54
DIREITO	T	25	N	83
ENG.CIVIL	T	3	N	45
ODONTOLOGIA	T	7	N	25
PETRÓLEO E GÁS	T	21	N	50
TURISMO	T	9	N	20

Fonte: Dados coletados junto ao Centro de Processamento de Dados do UNINORTE, em novembro de 2010.

Como se pode observar, seja no turno matutino, vespertino, seja no noturno, os alunos bolsistas do ProUni estão presentes no UNINORTE de forma significativa. No curso de pedagogia, campo desta pesquisa, no ano de 2010/1 havia 1.345 alunos matriculados e destes 134 eram bolsistas do ProUni. No turno noturno 104 estudantes participam do programa.

Nos últimos anos, houve um crescimento significativo de estudantes que ingressaram no ensino superior. Os números apresentados pelo governo parecem mesmo ser animadores, porém, segundo Ristoff (2006), os 9 milhões de estudantes que poderão chegar às universidades no ano de 2011 não atendem à meta do Plano Nacional de Educação (30% dos jovens de 18 a 24 anos matriculados na educação superior, com 40% da matrículas em instituições públicas).

4.3

Percepções dos alunos sobre o ensino superior e o ProUni

Esta etapa da pesquisa tem por objetivo analisar a percepção do aluno do curso de Pedagogia Noturno do UNINORTE, bolsista ProUni, em relação ao acesso e à permanência no ensino superior privado. Para isso, será apresentado o resultado e a análise das entrevistas que compõem a percepção dos alunos sobre o ProUni como política pública de ação afirmativa, que garante o acesso ao ensino

superior, bem como nos apresenta as principais dificuldades que esses estudantes encontram para garantir a permanência no Ensino Superior. Proporciona, ainda, conhecer as possíveis estratégias que esses bolsistas utilizam para lidar com as dificuldades no cotidiano do Curso.

Foram selecionados 10 alunos como sujeitos desta pesquisa, obedecendo aos seguintes critérios de escolha: alunos(as) do Curso de Pedagogia, noturno que já cursaram mais de 50% do curso; trabalhador(a); na faixa etária de 20 a 30 anos e; primeiro membro familiar a ingressar no ensino superior. As entrevistas foram realizadas no mês de outubro e novembro de 2010.

O contato inicial foi feito através de um convite via e-mail, o qual esclarecia o objetivo da pesquisa, seu caráter voluntário e a liberdade para desistir da entrevista em qualquer uma de suas etapas. A partir dos critérios apontados chegou-se a um universo de 10 alunos Destes 10 alunos entrevistados, 2 eram homens, 8 eram mulheres e estavam no 6º e 7º períodos.

As entrevistas realizadas foram semiestruturadas, pois seguiam um roteiro pré-estabelecido, mas deixavam oportunidade para o pesquisador coletar mais informações, caso fosse necessário.

A análise do trabalho foi organizada em quatro eixos fundamentais, a saber: O perfil dos entrevistados; Significado do ensino superior e razões para aderir ao ProUni; Avaliação do ProUni pelos bolsistas – UNINORTE e suas estratégias para permanecer no ensino superior e Acesso, permanência e democratização do ensino superior: o que dizem os bolsistas. Tais eixos foram estruturados com base nos objetivos propostos nesta pesquisa, quais sejam: Geral: conhecer a percepção do aluno bolsista ProUni do curso de Pedagogia noturno do UNINORTE em relação ao acesso e à permanência no ensino superior privado. Específicos: conhecer as razões que os levaram a aderir ao ProUni; conhecer as principais dificuldades que esses estudantes encontram para se manter no curso com aproveitamento acadêmico; e conhecer as possíveis estratégias que os mesmos utilizam para lidar com as dificuldades no cotidiano do curso de Pedagogia.

A escolha dos pesquisados obedeceu aos seguintes critérios de escolha: alunos(as) do Curso de Pedagogia, noturno que já cursaram mais de 50% do curso; trabalhador(a); na faixa etária de 20 a 30 anos e primeiro membro familiar a ingressar no ensino superior. As entrevistas foram realizadas no mês de outubro e novembro de 2010.

O contato inicial foi feito através de um convite via e-mail, o qual esclarecia o objetivo da pesquisa, seu caráter voluntário e a liberdade para desistir da entrevista em qualquer uma de suas etapas. A partir dos critérios apontados chegou-se a um universo de 10 alunos Destes 10 alunos entrevistados, 02 eram homens, 08 eram mulheres e estavam cursando os 6º e 7º períodos. Dos 10 estudantes apenas 01(um) tem casa própria que compartilha com a sua família e a sogra, 02 vivem de aluguel, 04 moram com pessoas de suas famílias (irmã ou irmão, ou tio, ou tia ou avós) e 03 dos entrevistados moram com pessoas estranhas a suas famílias, sendo que, desses, 02 moram com seus patrões. Dos dez entrevistados apenas 04 (quatro) trabalhavam com contrato registrado em Carteira Profissional (CLT) sendo 03 em fábricas do Polo Industrial de Manaus⁷⁷ e 01 (um) no Comércio de Manaus, 02⁷⁸ são empregadas domésticas e apresentaram um relato bem interessante que transcrevemos abaixo:

P1- Trabalho na casa de uma família há muitos anos minha mãe criou a gente trabalhando na casa dos outros, arranjei filho, que deixei com minha tia no interior e vim trabalhar na casa dessa família que era conhecida da pessoa que minha mãe trabalha, pra mim⁷⁹ estudar e melhorar de minha vida e pode dar uma vida melhor pra minha filha. A minha patroa é ipresária e como eu tenho segundo grau pede pra mim ajudar os mininhos dela a fazer tarefa, ela ficou dizendo que era bom que eu fosse professora e ajudar melhor, que tenho jeitinho pra ensinar, mim falou que agora só não estuda quem não quer. Ai conversando com uma colega que trabalha na casa da vizinha e que estuda numa faculdade de Pedagogia, ela me falou do ProUni, fique pensando e tentei a prova do emem, bem e me candidatei pro UNINORTE que todo mundo diz que é bom e recebe muitos alunos. Eu consegui, eu quero mudar de vida, preciso trabalhar e ter uma vida melhor...

P2 - Eu trabalho com um casal muito bom que tem uma filha e um filho, eu cuido deles, da casa e da mãe do senhor que é meu patrão. Eles são professores lá do curso de Biologia, daqui do UNINORTE, ai eu falei que queria muito estudar uma faculdade, eles me disseram que tinha um incentivo que o Governo dava pra quem queria fazer faculdade superior, o ProUni, mim disseram que Pedagogia era uma boa profissão, que professor sempre tem emprego, que todo dia nasce criança que tem que estudar é muita criança que nasce, principalmente no povo pobre, que precisa estudar na escola pública e o Estado está sempre chamando professor para trabalhar e eu fiquei logo interessada pois meu sonho é ter uma vida melhor para mim ajudar minha família, tirar mim minha mãe dessa vida dura de empregada, poder ter crédito

⁷⁷ O PIM (Polo Industrial de Manaus) utiliza jornada de trabalho por turno estabelecido de forma rotativa de acordo com a necessidade da produção de acordo com informação dos entrevistados.

⁷⁸ Nesse relato identificaremos as entrevistadas com: PTD1(sendo P de Pedagogia T de Trabalhadora, D de Doméstica) e PTD2 (idem a definição anterior).

⁷⁹ As palavras em itálicos são fieis aos erros gramaticais ou de concordância transcritos da fala dos entrevistados.

Outro relato significativo ligados a atividade profissional é de um estudante que pertence a economia informal, pois retrata bem as dificuldades que precisam enfrentar os alunos de baixa renda para estudar nesse mundo capitalista:

PI ... já trabalhei de todo jeito, no Distrito, no Comercio, dirigindo Taxi, o último foi numa fábrica de roupa cuidando da limpeza do salão de moldagem. Ai num dia eu saia 5 horas, outro dia 6 ou 7 horas⁸⁰, ai no dia que eu vinha fazer o provão e que a professora Lenize avisou que quem chegasse depois não entrava. Falei com o encarregado que tinha que sair no horário da saída, às 5 horas porque tinha prova. Ele disse pra mim: "o que tenho com isso"! O salão só pode ser limpo às 7 horas. Eu disse então manda outro limpar que eu já vou. Peguei a conta. Resolvi vender mingau na porta da escola Pronto, é pouco mas dá pra viver ...

Tomando por foco a fala dos alunos reproduzida acima e com base na nossa experiência enquanto coordenadora do curso de Pedagogia do UNINORTE, turno noturno, podemos dizer que os alunos por nós entrevistados apresentam características representativas dos alunos que aderem ao ProUni e estudam no Curso de Pedagogia no UNINORTE, no turno noturno.

4.3.1

Significado do ensino superior e razões para aderir ao ProUni

Quando se perguntou aos alunos bolsistas do ProUni o que significava para eles o ensino superior, as respostas foram:

P1 - O ensino superior pra mim significa mais uma porta que está começando a se abrir pra mim na minha questão profissional e não é tudo, mas é o início da minha formação. A formação não vai parar somente aí. Meus planos é continuar e prosseguir até chegar o mestrado, quem sabe até o doutorado.

P2 - [...] pra mim agora, na situação em que eu me encontro no ensino superior ele abre portas, ele propicia no caso achar um emprego melhor, melhorar de vida que é o que todo mundo busca, né.

P3 - Bom, o ensino superior para mim significa muitas coisas. Primeiro, condições, status social, ter uma profissão e depois com essa profissão com certeza ascender na vida social ne, financeiramente, a oportunidade de entrar no mercado de trabalho.

⁸⁰ O aluno se refere a 17 horas, 18h e 19 horas.

P4 - Para mim, o ensino superior é a oportunidade. Então com a bolsa eu consegui realizar essa parte da minha vida.

P7 - Significa a oportunidade da realização de um sonho que tava muito distante. Eu queria, mas era impossível porque não podia pagar. E o ProUni abriu essa possibilidade. Ensino superior é uma grande conquista na minha vida. Tenho certeza que sou o orgulho da minha família. Espero poder incentivar meus irmãos a seguir esse caminho.

P9 - Pra mim, tem sido muito crescimento. Me sinto mais respeitada no meu meio. As pessoas te olham diferente, até se admiram quando falo que faço faculdade na UNINORTE. Parece que é algo impossível.

Nessas falas, percebe-se que o ensino superior, para esses alunos, é a porta que se abre para a profissionalização, para um emprego melhor, para a ascensão social e econômica e para a realização do sonho. Na perspectiva dos alunos, o ensino superior é a oportunidade para reconstruir a vida social, econômica e pessoal. Apesar disso, as falas dos alunos indicam que chegar ao ensino superior é apenas o começo, há, hoje, maiores exigências no mercado de trabalho para que se consigam melhores resultados profissionais.

Na visão dos alunos entrevistados, o ensino superior está relacionado ao aumento da empregabilidade, termo que no contexto neoliberal significa a capacidade técnica e profissional do capital humano para se manter em condição de se empregar. O homem deve continuamente adquirir novas competências e habilidades para continuar em condições de se empregar. Volta a ideia tecnocrata, assumida no tempo do militarismo pelas ideias expostas na teoria do capital humano. (Frigotto, 1989)

Para compreender a Teoria do Capital Humano é preciso não só apreender o seu processo de construção. É importante, antes, entender como esta se articula com o desenvolvimento do sistema capitalista. Dizendo de outra forma, não é possível apreender o seu conteúdo se não se buscar uma articulação entre o que se dá no âmbito da infra-estrutura (economia), com o que se dá no campo da superestrutura. (Frigotto, 1989)

A teoria do capital humano é formulada para justificar as contradições do sistema capitalista, tendo como objetivo a manutenção das relações de força e de desigualdade existentes.

Nesse sentido, o capitalismo considera os fatores isoladamente e leva o indivíduo a pensar por esse mesmo prisma, ou seja, um ser dotado de uma racionalidade tal, que é capaz de escolher, livre das pressões externas, quais

devem ser os melhores caminhos traçados para assim alcançar o seu sucesso econômico. No interior dessas relações, os indivíduos não percebem que são sim as pressões externas que determinam as suas escolhas. Retomando as falas dos alunos entrevistados, quando se perguntou o que significa o ensino superior para eles, isto se torna visível quando afirmam:

P1 - Meus planos é continuar e prosseguir até chegar o mestrado, quem sabe até o doutorado.

P3 - [...] ter uma profissão e depois com essa profissão com certeza ascender na vida social né, financeiramente.

P7 - E o ProUni abriu essa possibilidade. Ensino superior é uma grande conquista na minha vida.

Como contraponto a essas percepções, o acesso ao emprego não decorre só e nem primordialmente do aumento da qualificação, mas principalmente da automatização do processo produtivo do mercado. Para Frigotto (1989), o sistema capitalista retira, cada vez mais, do trabalhador o controle do seu processo de trabalho. Em consequência disso, o sistema capitalista determina maior qualificação do trabalhador, sem que o aluno perceba que está entrando no ensino superior para cumprir este objetivo.

A escolarização, na concepção do aluno, contribuirá diretamente para a melhoria de sua qualidade de vida, proporcionando um aumento de renda que acontecerá em função da sua melhor qualificação.

4.3.2

Significado do ensino superior e razões para aderir ao ProUni (A)

O ProUni é um Programa de Governo, iniciado em 2005, que intervém diretamente nas Instituições de Ensino Superior (IES) privadas e filantrópicas a partir do acesso ao ensino superior de estudantes do ensino com bolsas integral ou parcial que comprovem estar incluídos nos critérios indicados pelo Programa. Considerando essa condição, perguntou-se como os entrevistados avaliavam essa ação Governamental. As respostas, na maioria, avaliaram o ProUni de forma bastante positiva:

P1 – [...] eu acho que essa ação é uma ação boa, uma ação muito eficaz, muito eficiente. Apesar de ter seus prós e contra, mas é uma ação muito eficiente para os estudantes [...].

P2 - Pra mim é uma ação governamental é maravilhosa que propiciou no caso pra mim e pra outras pessoas também poder estar na faculdade. Porque eu iniciei pagando, mas quando eu passei no ProUni me ajudou bastante.

P3 – [...] se dependesse de mim, da minha família eu não teria condições de cursar uma faculdade, mas devido a oportunidade que o governo federal está dando de estudar numa faculdade privada, reconhecida é eu to agarrado a essa oportunidade, eu to tendo essa chance, essa oportunidade, mas caso contrário, tudo isso eu não taria aqui nesse momento.

P6 - Bom, eu avalio como muito bom. Eu sempre tive vontade de fazer o ensino superior, mas pelas minhas condições financeira eu nunca pude, [...].

Os alunos entrevistados fazem uma leitura mais social que política do acesso ao nível superior via ProUni. Eles se percebem como vítimas do sistema e o governo lhes dá a chance de realizar seu sonho. O que não percebem é que este mesmo governo é quem não faz investimento qualitativo desde o ensino fundamental até o ensino superior público. A lógica de concessão de bolsas está atrelada à construção de assistencialismo e não como ação de políticas públicas comprometidas com os desfavorecidos, os pobres, não assegurando, de fato, um direito constitucional. Segundo Pereira (2008, p. 221): “concretizar direitos sociais significa prestar a população, como dever do Estado, um conjunto de benefícios e serviços que lhes é devido, em resposta às suas necessidades sociais [...] àquilo que lhes é essencial para garantir sua participação cidadã”.

Chama atenção nas respostas que os aspectos individuais se destacam nas falas, pois é recorrente o uso da 1^a. Pessoa: “*Eu sempre tive vontade de fazer o ensino superior*”; “*se dependesse de mim, da minha família eu não teria condições de cursar uma faculdade*”; em detrimento ao coletivo. Visualiza-se o direito ao estudo que se conquista individualmente. Os aspectos individuais se apresentam como ter vontade de cursar o ensino superior, de realizar um sonho, de ser exemplo para a família.

É preciso alertar para o fato de que esse fenômeno da expansão do ensino superior pela iniciativa privada sustenta-se através da possibilidade lucrativa da educação. Forster e Fagundes (2006, p.61) nos alertam que este fato se dá:

[...] explorando nichos e demandas reprimidas da população que poderiam garantir retorno financeiro aos investidores. Na maioria das vezes, essa expansão se deu por meio de instituições que centram suas atividades somente no ensino, em que a qualidade do trabalho acadêmico, muitas vezes, não se coloca como condição fundamental de funcionamento.

O aluno, enquanto objeto principal desse processo, por conta de sua pobreza se vê dentro dessa demanda reprimida e cita suas situações individuais como aspecto subjetivo para adentrar e permanecer no ensino superior. Utilizam sua situação econômica como mérito pessoal e encaram-na como passaporte para entrar no curso e garantir a conquista do diploma. Quando estes perdem a bolsa por não conseguirem acompanhar o curso, por conta de sua defasagem ensino-aprendizagem, sentem-se injustiçados.

Na maioria dos casos, esses alunos que estão no UniNorte chegam ao ensino superior com uma defasagem nos segmentos básicos do ensino, principalmente, leitura, escrita, interpretação. Como coordenadora do Curso de Pedagogia, várias vezes tive oportunidade de ouvir alunos, que sem conseguir acompanhar os estudos por falta dessa bagagem de ensino, eram reprovados em uma ou mais disciplinas e acusavam diretamente os professores de terem destruído seus sonhos.

Fica clara a lógica da concessão de bolsa como dádiva do governo e que as instituições, na percepção dos alunos, deve acolhê-los como se fossem “coitadinhos”, sem exigir desses um aprofundamento acadêmico. Dessas falas, uma evidencia a questão política que se esconde sob a máscara de democratização do ProUni:

P9 – [...] O ProUni está oportunizando muita gente a alcançar algo que era muito difícil, fazer uma faculdade, ainda mais uma particular. A faculdade pública é muito difícil o vestibular. Entra mais o pessoal que faz cursinho. [...] Então parece que hoje os que podem pagar estudam na faculdade pública e os que não podem pagar estudam na particular por causa do ProUni. Bem, pelo menos tem essa chance pra nós.

Está claro para o entrevistado que a universidade pública, na conjuntura atual, é para aqueles que tiveram acesso à educação de qualidade nos segmentos fundamental e médio. Resta para aqueles que não “fazem cursinho” e “que não podem pagar” o sistema de bolsas oferecido pelo ProUni. A universidade pública, na concepção do aluno, que deveria ser acessível a todos, fica restrita à classe média e alta.

Duas observações parecem relevantes neste contexto: a primeira refere-se à constatação pelo aluno de que a universidade pública é um direito restrito a poucos; a segunda diz respeito à universidade particular como sendo aquela que acolhe os “que não podem pagar”⁸¹. A crítica a esse modelo imposto pelo neoliberalismo pelas universidades públicas nem sempre tem encontrado energia capaz de fazer vigorar uma perspectiva emancipatória, uma resistência que recupere a ideia do compromisso social da universidade, que para Geroge

...significa o exercício da crítica, da oposição e da resistência, tendo o contexto social mais amplo que envolve tanto a instituição de uma sociedade mais justa e igualitária, quanto à realização do ser humano como indivíduo e cidadão. (Geroge, 2006, p. 68)

O que percebemos na realidade atual é uma educação superior privada atrelada aos interesses socioeconômicos do sistema vigente, seja para suprir suas incompetências, seja para otimizar seus procedimentos quando esses visam apenas seus interesses mercadológicos. O Brasil tem enfrentado dificuldades para a implementação da democracia, acompanhadas de constantes desafios político-econômicos. Sem dúvida, a entrada e permanência dos jovens no ensino superior é uma delas.

Diante desses desafios, os bolsistas precisam criar estratégias para se manter no ensino superior e concluir o curso, pois há que se superar as questões econômicas que se põem como fator decisivo nas entrevistas. Os bolsistas afirmam que, para suprir suas necessidades acadêmicas (compra de livros, apostilas, lanche, transporte etc), usam recursos próprios e contam com a ajuda de seus familiares, como podemos observar nos trechos abaixo:

PI- Bom, com relação a lanche quase não se lancha, mas apostilas, livros, a maioria são nós mesmo, infelizmente temos que assumir isso. Esse é um lado bem negativo. Passar três anos e pouco com poucos livros, porque não tem condições de você pagar muitos livros, então você meio que seleciona os livros e questão financeira ajuda de família ajuda de esposo, marido trabalha, tira daqui, tira dali pra poder comprar os livros, as apostilas que são muitas. [...]

⁸¹ Um dado para reflexão: Segundo a Pró-Reitora Acadêmica da Universidade Estadual do Amazonas-UEA, em 2010/1 haviam 25.000 alunos matriculados e de acordo com o Relatório Acadêmico do UNINORTE em 2010/2 a Instituição matriculou 27.000 alunos.

P2- Passar três anos e pouco com livros emprestados, porque não tem condições de você ter muitos livros, então você só compra uns livros com ajuda de família, as vezes ajuda marido, quando tá trabalhando. [...]

P3- E eu posso dizer pra senhora que eu já tive que mudar de emprego uma três, quatro vezes devido ao meu estudo, primeiro porque você já estuda a noite aí você tem uma carga obrigatória de estágio, aí você tem que cumprir um estágio pela manhã ou pela tarde aí são no mínimo duas semana a três semana [...]

Alguns alunos da bolsa ProUni que permanecem no Curso de Pedagogia – como já informado - são trabalhadores do distrito industrial ou do comércio, e usam do seu ganho para manter os gastos provenientes do estudo. Outro dado importante é que, a partir do 4º. Período, um número considerável de alunos começa a realizar o estágio supervisionado, obrigatório para a sua formação e, com isso, têm que reorganizar seus horários de trabalho, aumentando também os gastos com alimentação e condução. Registre-se que são eles próprios que precisam custear os gastos provenientes do estágio.

Como já discutido anteriormente, a desigualdade econômica exerce forte influência na educação, a ponto de apresentar números bem diferentes de acesso ao ensino superior dos mais pobres e dos mais ricos. Esses resultados demonstram a fragilidade social e estão ligados, diretamente, com as injustiças e a desigualdade social, inclusive a desigualdade de oportunidades. Por isso, o ProUni, apesar de dar acesso à universidade aos mais carentes, mascara o sucateamento do setor público, o descaso com o ensino fundamental e médio. Amplia o número de alunos cursando o nível superior, sem, efetivamente, investir na reforma do ensino superior e na democratização e universalização do mesmo.

Como Afirma Gentilli (2007, p 21) “Não há grandes surpresas na pesquisa entre pobreza e educação e não há portas secretas que levem à solução. Se há um mistério, é do tipo que Sartre denominou ‘mistério à plena luz do dia’, um desconhecimento criado pelo modo como estruturamos e utilizamos nosso conhecimento”. [destaque do autor].

4.3.3

Acesso, Permanência e Democratização do Ensino Superior: O que dizem os Bolsistas?

O acesso ao ensino superior tem sido incentivado e oportunizado, principalmente pela criação de bolsas, no entanto, tal medida não se apresenta como um processo democratizador do sistema de ensino, pois, para que a democratização aconteça de fato é preciso que os direitos dos excluídos, histórica e socialmente, sejam firmados e respeitados; que o acesso e permanência dos que buscam a educação superior seja garantido.

Convém repetir: se a palavra de ordem da década passada foi *expandir*, a desta década precisa ser *democratizar*. E isso significa criar oportunidades para que os milhares de jovens de classe baixa, pobres, filhos da classe trabalhadora e estudantes das escolas públicas tenham acesso à educação superior. Não basta mais expandir o setor privado – as vagas continuarão ociosas; não basta aumentar as vagas no setor público – elas apenas facilitarão o acesso e a transferência dos mais aquinhoados. (Ristoff, 2006, p. 45)

Parece que há uma confusão entre estes dois termos – expandir e democratizar - por parte da sociedade, pois esta analisa a expansão, o fato de muitos terem a oportunidade de ingressar no ensino superior como sendo um ato de democratização, sem conseguir perceber que o acesso ao ensino superior por si só é apenas uma medida paliativa.

O programa de bolsas, tanto aqueles oferecidos pelo governo como o ProUni e o Crédito Universitário, quanto os demais, na visão desses alunos, têm sido significativo para o ingresso no ensino superior, embora essas políticas de programas educacionais mascarem a democratização e a universalização do ensino, pois nem todos terão acesso e não há garantia de que estes que entraram concluam o curso.

Na realidade, há um “fetiche” quando se justifica que o programa de bolsa democratiza o ensino, pois conforme sinalizado por autores que se dedicam a estudar o acesso ao ensino superior (Frigotto, Savini, Boa Ventura, entre outros), a opção do governo foi a mercadorização da universidade, fato que não é percebido também pelos alunos entrevistados da Bolsa ProUni, do Curso de Pedagogia, que foram por nós entrevistados e cujas respostas serão mais aprofundadas no próximo item.

Para ilustrar a questão da democratização do acesso ao ensino superior na perspectiva do sistema de bolsas do ProUni, apresentamos a seguir algumas das respostas que nos foram dadas pelo grupo de bolsistas entrevistados que, como poderá ser observado, à exceção do entrevistado P3, os alunos foram unâimes em dizer que o ProUni democratiza o ensino, dá oportunidades para os mais carentes cursarem o ensino superior. Como as respostas se repetiam selecionamos apenas algumas para exemplificar.

P1 - Democratização é o ProUni em si. Onde você busca através de programas pessoas que não tinham condições financeiras nenhuma de chegar até lá. Então democratizar o ensino superior é buscar essas pessoas através de doar, para aquelas pessoas que corre atrás. Eu estudei, eu lutei pra chegar até onde eu estou hoje. Nada me foi dado.

P2 - Pra mim o significado seria a liberdade pra todo mundo ter. Seria esse céu aberto pras pessoas, como nós, necessitadas de ensino superior que não temos dinheiro pra pagar a faculdade de agora poder está aqui no auge da nossa vida [...]

P3 - - [...] Então essa democratização pelo ProUni, pra mim significa que estou fazendo parte de um grupo que na verdade está sendo privilegiado, é um projeto limitado, e os outros?

P4 - Vamos dizer que seja assim, uma oportunidade maior, de conseguir o que eu não podia porque com o salário que eu ganhava, eu não conseguia pagar as mensalidades, então o ProUni abriu um leque pra eu conseguir e suprir essa necessidade que eu tinha de ingressar na faculdade.

P7 - Democratização é a democracia. O governo está buscando essa democratização através do ProUni dando essa chance pra muita gente cursar o ensino superior sem pagar. Isso é a verdadeira democratização.

P8 - - Democratização é uma forma de dar uma oportunidade pra todos. Pena que as vagas sejam poucas. O governo está demonstrando a democratização através do ProUni porque aí as pessoas podem ter a chance de cursar o ensino superior sem pagar ou pagando só a metade. Claro que o ideal é não pagar porque aqui na faculdade a gente tem algumas despesas extras e pesa no orçamento. Mas essa democratização é muito válida.

Nos fragmentos acima, o entrevistado P3 percebe que somente a bolsa não é garantia de continuar no estudo, pois segundo ele “não é fácil se manter em uma universidade privada”. O aluno precisa custear a sua permanência no ensino superior garantindo, entre outras, a aquisição de livros, apostilas, transporte, execução de trabalhos, fundamentais no processo de desempenho acadêmico.

A maioria dos relatos aponta como percepção de democratização o fato de eles, os alunos carentes, terem finalmente oportunidade de adentrar ao ensino superior, uma vez que apenas com o salário que recebiam por seus trabalhos não

era possível pagar uma universidade, e, através do ProUni, eles têm essa oportunidade. A pergunta que nos fazemos é: então isso é democratização?

A democracia, para Cortela (2005, p 146) “não é um fim em si mesma; é uma poderosa e indispensável ferramenta para a construção contínua da cidadania, da justiça social e da liberdade compartilhada. Ela é a garantia do princípio da igualdade irrestrita entre todas e todos [...].” Nesse sentido, Freire (2003, p. 11) já nos alertava de que como seres políticos, os homens não podem deixar de ter consciência do seu ser ou do que está sendo, e “é preciso que se envolvam permanentemente no domínio político, refazendo sempre as estruturas sociais, econômicas, em que se dão as relações de poder e se geram as ideologias”. A vocação do ser humano não é de ser dominado, massacrado, modelado ou dirigido, mas, de “ser mais”, fazer e refazer a sua história, intervindo no seu meio.

Sendo assim, percebe-se no discurso do aluno a falta de consciência política do sistema do qual está envolvido, que as políticas de acesso ao ensino superior, estão inseridas num projeto que nega o direito a políticas sociais através de políticas universais. O entrevistado P3 nos pareceu ter sido o único a ter essa concepção quando afirmou *“pra mim o ProUni significa que estou fazendo parte de um grupo que na verdade está sendo privilegiado, é um projeto limitado, e os outros?”* Depreende-se de seu discurso que a crítica ao acesso ao ensino superior no que se refere a uma visão mais sistêmica do assunto.

Cabe ratificar que a política do ProUni não atende a todos, mas apenas a uma pequena parcela da população. É necessário romper com a lógica do capital se quisermos criar de fato a democratização do ensino e, para tanto, a multiplicação de instituições públicas e gratuitas, bem como de escolas públicas de ensino fundamental e médio de qualidade, são necessidades prioritárias.

Na maioria das faculdades e centros universitários, privados ou não, tem-se o ensino por excelência, não há investimento em pesquisa e extensão, sem contar que a formação do estudante fica dependente, cada vez mais, do seu esforço próprio.

Apesar das declarações dos alunos entrevistados, percebe-se, com base na literatura que nos serviu de apoio, a falta de consciência da responsabilidade do governo com políticas sociais e a força do ideário neoliberal no campo da educação superior de que a universidade pública é irreformável porque a única alternativa está na criação do mercado universitário, como se fosse a indústria do

diploma. O aluno acaba assumindo o discurso do privado e do individual, como pode ser ilustrado no seguinte fragmento: “*Vamos dizer que seja assim, uma oportunidade maior, de conseguir o que eu não podia porque com o salário que eu ganhava, eu não conseguia pagar as mensalidades, então o ProUni abriu um leque pra eu conseguir e suprir essa necessidade que eu tinha de ingressar na faculdade*”. Nessa fala, evidencia-se que o setor privado é o que traz benefícios e estes estão restritos apenas a um **eu**, como pode ser visto nos destaques da citação acima.

Não se percebe o reconhecimento, por parte dos alunos bolsistas entrevistados, da descapitalização e desestruturação da universidade pública a favor do emergente mercado universitário, com transferência de recursos para o setor privado às custas do setor público. Na fala dos alunos, a universidade pública é a frustração do sonho.

Ainda quanto à democratização do acesso ao ensino superior, outra questão política que fica velada na fala dos alunos, diz respeito à gratuidade do ensino na universidade particular, pois os bolsistas do curso de pedagogia entrevistados evidenciaram como positivo o fato de estar na universidade privada sem pagar.

P1 – Sim, o ProUni deixa o aluno que não consegue entrar na UFAM, UEA estudar numa faculdade boa de graça. [...] então isso é um ponto positivo e negativo ao mesmo tempo e isso acaba limitando isso aí aos alunos.

P4- Pra mim os positivos é que eles possam continuar com essas bolsas oferecendo a oportunidade pra outras pessoas e de negativos, tipo assim, eles criem mais oportunidades pra mais pessoas que ainda não acessaram, porque hoje ainda tem poucas oportunidades.

P5- Pontos positivos é você não precisar pagar. É uma coisa muito boa. A gente precisa cursar uma faculdade, mas não tem como pagar. [...] Pontos negativos é muita burocracia é demais. Quase que eu não consigo por causa dos documentos. Horrível. Muita comprovação. Bastante.

O aluno não consegue perceber que o sistema de bolsas tira os recursos públicos para investir no setor privado. Os alunos não compreendem que seus estudos estão sendo financiados pelos encargos públicos. Diante do sentido da educação proposto pelo neoliberalismo e de suas teorias quantitativas, reduzida a um valor de uso, constrói-se um aluno alienado, coisificado, preso a ideologia dominante, que esvazia o humano em confronto com os interesses de mercado. Na fala de Paulo Freire (1996), isto é uma imoralidade que sobrepõe os interesses radicalmente humanos aos do mercado.

O referido autor nos adverte, ainda, que o sistema nos faz cair nas armadilhas das ideologias que diretamente ocultam a verdade dos fatos para penumbra ou opacizar a realidade ao mesmo tempo em que nos torna míopes.(Freire, 1996)

As utopias geradas a partir da possibilidade de cursar o ensino superior através dos programas de bolsas oferecidas pelo governo, e do funcionamento de uma sociedade pautada no mercado contém um forte componente subjetivo de negação da realidade, isto é, não permitem aos beneficiários dos programas enxergar o falseamento da democratização do ensino, em que a maioria da população pobre fica excluída do processo.

Entendemos que a medida escolhida pelo Brasil foi o de se tornar Estado Mínimo nessa questão, investindo no setor privado e diminuindo sua responsabilidade quanto aos resultados da educação, embora este se coloque como fiscalizador e controlador, quando cria o sistema de avaliação do ensino em todos os seus segmentos. Nessa perspectiva, convém lembrar que o Brasil é uma forma marcada pela apropriação da escola pública em função dos interesses particulares de grupos poderosos, com uma tradição autoritária e excludente, condensada no autoritarismo social. A criação do ProUni não está fora desse contexto, pois, ao mesmo tempo que inclui, é excludente, já que nem todos podem permanecer e dar continuidade aos estudos devido às questões socioeconômicas.

Tanto que, quando se perguntou aos alunos bolsistas a respeito do acesso e permanência no ensino superior, um dos alunos deu a seguinte resposta:

P 3 – [...] Agora com relação a permanência, eu acho assim que o governo poderia é criar outros tipo de método que o aluno ganhasse uma bolsa pra permanecer nos estudo, você sabe que na faculdade o problema não é só entrar, mas tem a passagem de ônibus, materiais didáticos, os livros, sucessivamente, então acho que a parte de acesso ta boa, mas a parte de permanência o governo poderia criar algo diferente pra tentar ajudar esses alunos a permanecer na faculdade.

Para esse aluno, a permanência no ensino superior deveria ser também responsabilidade do governo, pois as condições financeiras de cursar uma graduação estão para além da mensalidade, envolvem outros gastos e também a determinação pessoal para enfrentar as diversas situações relativas para cursar e manter o estudo.

Outras falas evidenciam que a permanência no ensino superior está atrelada ao rendimento do estudante, ao desafio de estudar, de obter boas notas para assim concluir o curso.

P 8 – O acesso é muito difícil principalmente pra gente que sempre estudou em escola pública, a senhora vê o estado degradante do ensino público. [...]. Agora, permanecer é difícil, tem que ter muita força de vontade e disciplina. Tem que estudar pra garantir a permanência. Não pode reprovar senão perde a bolsa. Eu me esforço muito, estudo de madrugada, final de semana porque não quero perder essa oportunidade. [...]

P 9 – [...] E como já falei a escola pública não prepara tão bem. [...] Então o acesso não é tão fácil assim, é muita gente concorrendo. [...] Aí a permanência é outra dificuldade que temos que superar, e muito maior. Temos que ter disciplina e força de vontade. É muita exigência de estudar. Os professores cobram muito. Está certo, eles tem que ensinar bem. [...]

P 10 – [...] Difícil é a permanência. Você conciliar família, trabalho e estudo não é fácil. Garantir essa permanência exige muita dedicação e esforço. Estudo de madrugada, nos finais de semana, nos intervalos de uma coisa e outra. Os professores são bons, mas exigem muita leitura. Nossa curso é a base de textos e leituras. Uma loucura. Cada professor acha que a gente só tem a matéria dele. Então você precisa se esforçar muito, se dedicar e ter muita disciplina senão você se perde e não acompanha. Acho que é por isso que alguns desistem porque é puxado.

Nas falas dos alunos, o professor é visto como aquele que cobra, que exige leitura, trabalhos. Importante ressaltar que os entrevistados entendem essa atitude do professor como correta, como algo que deve ser feito. Entre os motivos para permanência no ensino superior, os alunos alegam as dificuldades de manter a família, trabalhar e estudar. Rodrigues, citando Zago (2006) enfatiza que o acesso ao ensino superior é uma vitória, mas sua permanência implica apoio familiar e algum tipo de atividade remunerada.

Outro fator marcante na fala dos alunos para sua permanência no curso é cumprir as tarefas acadêmicas, pois esse aspecto evidenciou-se como o mais complexo porque exige autonomia nos estudos, representada em suas falas pela “disciplina”, tempo para se dedicar às leituras e realizações de trabalhos. E precisa, em especial, superar suas dificuldades trazidas dos segmentos anteriores.

A aprendizagem é, sem dúvida, uma questão de caráter autônomo e quando essa construção ainda não se efetivou, o aluno se sente pressionado a dar conta das exigências postas por essa nova fase de sua vida. Alguns trechos das falas revelam bem esta realidade: “*Estudo de madrugada, nos finais de semana, nos*

intervalos de uma coisa e outra”, “Então você precisa se esforçar muito, se dedicar e ter muita disciplina senão você se perde e não acompanha. Acho que é por isso que alguns desistem porque é puxado”.

A exigência nos aspectos cognitivo-intelectuais está posta e obriga o aluno a buscar aspectos que propiciem e possibilitem a construção de sujeitos aprendizes, em que estes se tornam, também, responsáveis por sua formação acadêmica, porém, a aprendizagem é reduzida a um saber dado, dissociado do desenvolvimento humano e passa a representar uma nota a ser alcançada no final do semestre.

Debater a questão da democratização do ensino esbarra nos direitos sociais dos cidadãos, que no processo histórico do povo brasileiro tem sido dificultado de várias formas, dentre elas, a desvantagem na formação escolar básica entre os ricos e os pobres. Os pobres não conseguem acesso às instituições públicas de ensino superior em função de seus estudos na escola primária e secundária inferior e com falta de recursos. Resolver os problemas da educação parece não ser a proposta de um governo neoliberal, que faz uma pseudoinclusão, quando deveria priorizar investimentos na expansão da educação pública, gratuita e de qualidade, já que este é um direito pleno da cidadania.